

Roberto Filipe Gomes Cardoso

RENASCER

INFERNAL

Há espera de Nintrevi e sentado em uma árvore, Finiditra vê seu herdeiro se aproximando com duas fatias de carne de cavalo em cada garra. Ao chegar, sacia-o com palavras também:

- coma meu mestre e nos leve ao reino mais adequado para ressuscitarmos nossos irmãos.

O mestre do rei devora um pedaço da carne e levanta-se, ao se erguer o orienta:

- Melhor nos dividirmos meu fiel herdeiro, irás ao noroeste encontrar o castelo do rei Sedir e eu irei ao nordeste, encontrar o castelo do rei Faradir.

Antes de partirem, Nintrevi faz uma ressalva ao lembrar-lhe do local de encontro:

- Nos encontraremos no reino que o senhor ira meu mestre, no reino de Faradir.

Cumprimentam-se com as garras e ambos partem em rumo à libertação dos demônios infernais.

Ao noroeste, na estrada de barro que leva ao castelo do rei sedir, uma carroça com dois soldados trazem uma gaiola na caçamba com varios presos; três homens, quatro mulheres e três crianças. Ao atravessar a ponte e entrar no castelo, um bárbaro de cabeça lisa e barba negra e curta, segura um garoto do lado da ponte e lhe diz ameaças ao pé do ouvido:

- Sua criancinha débil e inútil, eu não sei o que faço contigo, já tenho dias que não transo e não como uma peste deliciosa como você.

O Garoto que aparenta ser cego, tenta mostrar-lhe a razão pela qual não merece nem sofrer e morrer, diz:

- Por favor, não faça isto comigo senhor, eu não fiz nada ao senhor.

O Bárbaro rebate-o convicto de que está certo e com a razão:

- O que eu vou ganhar não lhe fazendo o que eu quero?

- Eu não sei senhor, eu não entendo porque quer fazer mal a mim?

Sem respondê-lo, o bárbaro o pega pelo pescoço e joga-o no barro, abaixa a calça curta, ajoelha-se e retira a cueca de couro. Vai para cima do garoto e com tesão, começa a balançar o pênis sobre as nádegas do garoto. Em excitação, rasga a calça curta do garoto e começa a colocar a cabeça do pênis com vagarosidade no ânus do garoto, que sangra, chora e questiona-o em voz alta:

- Porque? Porque eu? porque?

O bárbaro tentando penetrar ferozmente, aprofunda e responde-o com vildade:

- Seu pequeno doente gostoso, foi bom eu ter estuprado sua mãe e sua irmã – tenta lembrar-lhe dos momentos terríveis -, a vagina da sua mãe sendo dilacerada – aumenta a pressão e o pênis vai entrando -, os lábios presos da sua irmã expelindo sangue, enquanto ela tremia e gritava de dor, que maravilha!

Assim que penetra por inteiro e aumenta a velocidade, escorre mais sangue e um pouco de fezes do orifício do garoto de modo

que olha ao céu tardio com expressão de dor e como se estivesse sufocado. Intensificando a velocidade, o bárbaro coloca as mãos sobre seus peitos e aumenta com firmeza ainda mais a penetração. De súbito, se ergue com as mãos apoiadas em sua coluna e observa-o com maldade, como um assassino inerte.

Na sequência, logo após uma breve reflexão maliciosa, um segundo bárbara surge, vindo de baixo da ponte, após soltar o corpo esquartejado de uma mulher que afunda no lago desembocado por uma corrente do rio ares.

Rente à subida da ponte e vendo os dois viventes fazerem sexo na estrada de barro, este indaga o bárbaro amigo:

- O que esta fazendo ai zendro?

Como se não o ouvisse, o bárbaro se levanta e começa a se masturbar com a mão direita e dizeres:

- Sua menina gostosa – perto de atingir o orgasmo -, adorei esfolar seu cu!

Solta uma baforada aos céus ao atingir o orgasmo como se fosse um louvor de olhos fechados. Vira-se para o seu amigo trever e responde-o com boas novas:

- Trago otimas noticias, os guardas trouxeram – vai até trever – varios prisioneiros!

E ele responde com grosseria:

- e dai?

Mas ele demonstra sua ambição:

- espere, tem quatro mulheres e três crianças, são duas meninas e um menino, se entrarmos no castelo agora, posso conseguir uma das mulheres ou alguma das crianças!

- espero que você me conceda muito sexo e maldade,- enquanto o apoia, o garoto se arrasta pela estrada tentando fugir dos bárbaros que conversam ao ponto que se afastam – e como você me prometeu, depois dos amores, mataremos sedir, temos de matar sedir – a voz torna-se mais grossa e vigorosa – temos de nós tornar os reis deste infértil reino, pois, sem dor, não a prazer e sem prazer, não a vitória.

Sem negar a convicção e intenção do seu amigo, zendro o apoia com um plano:

- antes que matemos o rei sedir, temos que armar uma emboscada quando for descansar. Penso que seja no caminho que leve ao seu quarto, dois guardas, um de cada um, de madrugada, podemos matá-lo sem que nos vejam.

Afirmando, trever apoia a tentativa de traição contra o rei sedir:

- isso mesmo, peguemo-nos a noite em uma emboscada! – para de falar e aponta para o garoto atrás de zendro que se afasta aos poucos e avisa-o:

- zendro, o garoto esta fugindo, se não matá-lo, terei o prazer de fazê-lo.

Este vira-se para o garoto e diz:

- não meu amigo, deixe comigo, eu mesmo irei matá-lo.

O Bárbaro começa a caminhar até o garoto e faz cantorias de

adoração do prazer ao ódio:

- Não fuja, não fuja, não fuja sua praga deliciosa e imunda! , me tenha, me tenha, te vejo no inferno sua praga horrenda! , fuja, fuja, tema-me ou morrerá sem sua bexiga imunda!

Próximo e do lado esquerdo do garoto, finaliza:

- não durma, não durma, ou acordará sem pele e vida alguma!

Puxa seu cabelo e denota seu fim com agradecimento:

- te louvo seu pequeno e miserável verme, mas agora irá morrer para eu agradecê-lo como conciliação. Vira-se e arrasta o garoto pelo cabelo e grita para trever:

- trever, esquite o alicate tubular e pegue aquela tora afiada.

Ao ouvi-lo, trever volta para debaixo da ponte e vai aquecer a alicate tubular e pegar a tora com a ponta afiada e de metal.

Pouco depois, zendro se aproxima e traz consigo arrastado, o garoto pelo barro. De modo que trever sai de baixo da ponte com o alicate tubular aquecida na mão esquerda e a tora no punho direito. Em conseqüente, ambos se aproximam e zendro joga o garoto contra o barro, ligeiramente pega o alicate tubular incandescente e trever dá um chute no rosto do garoto que cai de costas. O Bárbaro coloca os pés sobre as mãos do garoto e zendro aproxima-se do pênis do garoto com uma risadinha vil e prega-o entre o saco escrotal e o pênis do garoto, fazendo a pele derreter e puxa o órgão genital, fazendo-o esticar-se e o garoto se contorcer de dor. Após retirar o órgão do garoto, ambos riem, e zendro ergue o saco escrotal e o pênis ao

céu e joga-o com força contra o chão de barro. A Metade frontal vira polpa e as duas bolas caem para os lados. Volta o olhar para o ferimento aberto do garoto e diz, apontando as mãos para a abertura que pouco se assemelha a uma vagina:

- Meu querido amigo agora temos uma menina!

Riem e o bárbaro troca de lado com zendro, dando-lhe a tora afiada. Assim, vai até a frente do garoto e retira uma pêra da cintura e avisa-lhe antes de infortuná-lo:

- Sei meu prostituto que sua vida foi curta, mas tem de experimentar a dupla penetração!

Coloca a pêra na boca do garoto e começa a puxar o prego para cima de modo que as quatro folhas metálicas se abrem e expandem-se, cortando a pele, quebrando e arrancando alguns dentes, modificando a fisionomia da mandíbula por fora e por dentro.

Em conjunto, de inquieto e ofegante, o garoto vai a pálido e neutro, começando a ter uma respiração fraca e lenta.

Raciocinando e percebendo que o garoto pode morrer a qualquer momento, zendro o segura e levanta-o, acena para trever enfiar a tora afiada sobre seu ânus. O bárbaro coloca-o apoiado sobre seu peitoral menor e estica suas pernas para os lados. Com ligeiro movimento, trever movimentada a tora para detrás e volta para frente na horizontal, penetrando a ponta afiada sobre seu ânus, cravando e parando no momento em que o garoto dá um inesperado grito de dor com os olhos em uma estupefata dilatação e fechamento em evidente morte com

sangue que escorre do seu ânus. Em sequência, zendro larga-o no barro de quatro com a cabeça de apoio e retira a pêra da sua boca. Segura seus braços sobre sua coluna e apoia seu pé direito sobre sua cabeça, impulsionando trever a penetrar a tora afiada, mas fundo ainda. Com rapidez, trever retira o martelo de sua coluna e começa a martelar a tora pelo tronco com proporção, de modo que os olhos do garoto despejam sangue e saltam do orifício ocular.

Em pouco tempo, o ânus vai dilacerando-se com intenso sangramento e a tora vai fixando-se cada vez mais a ponto de aparecer. A ponta da tora surge no céu da boca do garoto que sem vida, tem seu corpo entrelaçado pela tora e é colocado no lado esquerdo da ponte como um troféu em forma de empalamento.

Perante a morte do garoto, os dois companheiros se cumprimentam e dizem:

- Morte ao rei!

- Morte ao rei!

Viram-se e atravessam a ponte, em rumo ao castelo para tomar o poder do rei. Assim que entram no castelo, os bárbaros assistem as pronúncias do rei sobre os prisioneiros capturados:

- Meus leais servos, sirvo-lhes estes infelizes que foram capturados nas florestas ao redor e dou-lhes a benção de poder apreciar a dor com muito prazer.

Em seguida chama o inquisidor com um sinal de aprovação e assim começam os julgamentos:

- este é o fugitivo klenescrock, acusado de estuprar e degolar três mulheres, de esfolar e decepar um de nossos homens, com qual ferramenta o castigarei?

Rente ao seu povo e já ciente do que deve fazer, o rei sedita da suas últimas instruções ao inquisidor que começa:

- Meus companheiros, que desgraças e malícias devem cair sobre este miserável?

Os guerreiros aplaudem e gritam:

- submersão, escafismo!, Serra, Esmaga cabeças, mesa de evisceração, pêra, Alicate tubular, mil cortes! –

Os recém-chegados não hesitam e também gritam:

- serra, Pêra!

Subitamente, o inquisidor ergue as mãos e os guerreiros se calam, então prossegue:

- Por estuprar e degolar, esfolar e decepar um de nossos homens, vocês terão a mesa de evisceração.

Após a primeira condenação do inquisidor, todos gritam e os julgamentos continuam. São apresentados um homem e uma mulher e os julgamentos prosseguem:

- estes dois são acusados de relação sexual com satã, culto ao diabo e canibalismo.

Ligeiramente o inquisidor julga-os e condena-os:

- esta mulher será queimada e o seu companheiro ira para a roda do despedaçamento.

Alguns aplaudem e outros vão, pedindo ao rei para condená-los a cadeira inquisitória ou ao touro de bronze, mas nada é mudado. Em seguida vem uma mulher e um garoto, o inquisidor anuncia:

- esta mulher e este garoto foram visto dando apoio aos nossos inimigos quando os viram matar alguns de nossos homens e apoiarem suas execuções em publico nos territórios inimigos.

O rei fica abismado ao saber de tal coisa e os guerreiros pelejam por uma morte lenta e dolorosa, mas o rei pensa de tal forma que julga a beleza da mulher branca e de olhos claros, e o seu filho com diferença:

- vejam meus amados, esta mulher pode lhes servir como abrigo sexual, e depois, ser esfolada ou servir como progenitora de um futuro e grandioso império – todos aplaudem e riem com seus dentes podres,o rei continua -, já este garoto, ele deve ser apedrejado.

Interferindo no julgamento a mulher lhes avisa de um mal próximo:

- em breve, um demônio vira, e destruirá todos vocês!

Rapidamente é retirada em nome do rei e todos aplaudem com a continuação dos julgamentos:

- estas duas mulheres são acusadas de fazerem sexo consigo mesmas, de matarem uma de nossas mulheres e três de nossos homens, são do reino de faradir, mas foram expulsas de lá por pecar contra deus.